

AUTOBIOGRAFIA DE ESCRITORAS DE ALAGOINHAS: PROCESSOS DE (AUTO)FORMAÇÃO

Gislene Alves da Silva¹

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

A escrita feminina de cunho memorialístico, como nos diz Lacerda (2003), ecoa no Brasil com força no período pós-ditadura e sofre influências do mercado editorial europeu, que já vinha absorvendo as escritas de cunho autobiográfico das minorias, desde os anos 1960. Essa escrita que traz a singularidade de cada sujeito torna-se propícia para aquele momento, como uma possível resposta às repressões políticas sofridas.

O silenciamento da mulher e sua escrita, até este período, diz do sistema sócio-político vivido, de uma “censura ideológica e cultural” (LACERDA, 2003). A mulher e escritora é posta em um segundo plano na sociedade, sendo atribuído a esta um “segundo lugar”, um lugar ausente.

A partir de Derrida (2001), da noção de *différance* que abala as oposições binárias (homem/mulher; presença/ausência etc.), da “tensão entre o que pode ser uma coisa e seu contrário” (ARFUCH, 2012, p. 15), é possível questionar o significante (as representações) e desestabilizar os sentidos. Ao funcionar como um sistema aberto, a diferença cultural, ou melhor, o espaço intervalar entre eu/outro abala a autoridade do signo (do código patriarcal, por exemplo), fazendo emergir as diferenças, as margens, as vozes silenciadas da sociedade.

Desse modo, a escrita canônica patriarcal passa a ser questionada, inclusive os seus espaços arbitrários, de dominação (instituições literárias, mercado do livro, Academia de Letras etc.). Emergem no “espaço intervalar” os textos memorialísticos que refutam o modo de escrever do código patriarcal, e empoderam o “eu” sujeito que agora pode escrever/narrar as suas experiências. Contudo, para que o discurso dominante não se reinscreva ou continue se reinscrevendo nesses textos, torna-se imprescindível questionar tais escritas. Assim, pensar as relações de gênero implica pensar na desterritorialização dos sentidos fixados, os quais atribuíram aos sujeitos femininos um “segundo lugar”. Pensar este jogo de desterritorialização.

Nesses termos, a “escrita de si” para além das tipificações, emerge nos estudos literários como um “texto vivo” que traz diversos significados tanto da subjetividade do “ser vivente” (AGAMBEN, 2009) quanto das suas relações intersubjetivas. Esses textos memorialísticos, que narram escritas de si, trazem as marcas de vida não só de um “eu”, mas de toda uma coletividade. A violência simbólica

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/UNEB.

contra pobres, negros, mulheres não ocorre por acaso. As interdições nas formas de viver do sujeito feminino não são inocentes. Desse modo, os discursos que atuaram nos contextos coloniais, por exemplo, continuam em plena atividade nos tempos atuais. O que requer cada vez mais: estudar, relacionar, confrontar e construir uma política que afirme a vida em suas diferenças.

Nesse sentido é que buscamos, com esta pesquisa, verificar como as narrativas autobiográficas das escritoras de Alagoinhas, enquanto construto da (auto) formação dos sujeitos femininos, criam condições para a (re) significação das suas histórias de vida. Assim, buscando estudar, junto com escritoras alagoinhenses, as estratégias textuais utilizadas por escritoras subalternas, a exemplo de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, visando uma reflexão crítica sobre tais dinâmicas, objetivamos descrever o processo dos ateliês autobiográficos das escritoras de Alagoinhas, refletindo acerca da “escrevivência” destas, enquanto condição para a ação e reflexão acerca das suas próprias histórias de vida.

Assim, tomaremos como recursos metodológicos a análise de um referencial teórico e bibliográfico das escritoras e sobre as questões de que trata esta investigação e a pesquisa de campo. Esta pesquisa de campo se dará por meio de um curso oferecido a escritoras de Alagoinhas, no qual estudaremos-faremos a leitura de textos de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, assim como utilizaremos as entrevistas narrativas e o método dos ateliês (auto)biográficos como instrumentos de investigação e coleta de dados. Os ateliês serão elaborados tomando como base os modelos apresentados pela autora Delory-Momberger (2006) na obra intitulada *Biografia e Educação*.

A abordagem (auto)biográfica tende a possibilitar o entrelace das histórias individuais com as histórias sociais, pois a singularidade e o coletivo pluralizam os discursos e, por sua vez, o modo de pensar e atuar dos sujeitos na sociedade. As escritoras ao escreverem sobre suas lembranças, seu cotidiano, trazem os rastros das desigualdades sociais, das marcas de violências nos corpos, dos discursos sobre a sexualidade, dentre outros. Assim, por em relação os discursos que perpassam nos textos das escritoras nos permitem não só visualizar a sua trajetória pessoal, mas o outro (marcas discursivas) que se expressa nessa escrita.

A ESCRITA DE SI FEMININA EM MEIO A DIFERENÇA CULTURAL

A diferença entre a "escrita de si" de escritores e escritoras, seus traços memorialísticos, suas ficções e relatos autobiográficos, nos mostram que não há uma forma discursiva fixa que particulariza essas narrativas, mas uma pluralidade de modos de dizer sobre o "eu" e "outro"

compartilhados de um contexto histórico, social e econômico. Se pusermos em diálogo essas escritas podemos perceber as proximidades e diferenças entre a escrita feminina e masculina, a multiplicidade dos modos de dizer sobre si mesmo e o outro, o que nos leva a debater sobre as marcas de gênero na escrita. “A partir dos estudos culturais e dos estudos de gênero, a crítica cada vez mais tende a refletir sobre o próprio sujeito da escrita” (KLINGER, 2012, p.13).

Neste sentido, não podemos deixar de falar acerca do lugar do sujeito feminino, do seu modo de dizer posicionado que não é cantando pelo outro, pois este por mais que se sensibilize, e isto é fundamental até para por em questão repetições do feminino, não tem como trazer as marcas do corpo feminino. Trata-se de um modo de dizer múltiplo, mas que se singulariza a partir do lugar que esse sujeito ocupa, das relações de forças que se estabelecem e do modo como as subjetividades vão sendo tecidas diante das interdições e enfrentamentos patriarcais.

De modo geral, os homens tiveram as oportunidades que faltaram às mulheres, conheceram outras literaturas, outros lugares, outros modos de dizer; a escrita destes estará impregnada com esses lugares, rostos, cheiros, sabores, etc. que tiveram condições de apreciar.

As mulheres não tiveram a mesma vivência que os homens. Ao receberem uma educação para tornarem-se mães e donas de casas, a escrita dessas mulheres carrega essas marcas sociais, culturais, que estarão em evidência, interferindo na sua construção literária. As mulheres não foram educadas para escrever, ou seja, não tiveram as mesmas oportunidades que os homens, por isso é preciso construir condições para que as mulheres se apropriem das várias formas de dizer.

Porém, não podemos deixar de perceber que a escrita de voz feminina autobiográfica ganha à cena na atualidade, abalando os obstáculos enfrentados pelas mulheres no exercício da escrita e desativando os processos de silenciamento impostos por um pensamento hegemônico que determinava a forma de ser e de viver do sujeito feminino. Estas formas, ou marcas culturais, como já dissemos, nos interessa como denotação de um tempo que, com diferença, pode ainda se repetir.

Nelly Richard (2002, p. 131), no texto "*A escrita tem sexo?*", questiona a crítica em relação a especificidade e a diferença do "feminino" no sentido de ampliar o debate acerca da "marca de sexo e de gênero na escrita". Afirma a autora que a neutralidade do discurso de que não há diferenças entre a escrita e a linguagem genérico-sexual, "equivale a reforçar o poder estabelecido, cujas técnicas consistem, precisamente, em levar a masculinidade hegemônica a se valer do neutro, do impessoal, para falar em nome do universal".

Em primeiro plano, a crítica literária feminista passou a evidenciar a autoridade abusiva que exigia que as mulheres escrevessem de acordo com as regras de universalidade, por conseguinte,

estimulou "modelos afirmativos e valorativos do ser mulher", no sentido de criar um "sistema de referências autonomamente feminino". Esse separativismo, que acredita na relevância de um saber independente, não percebe que priva "o feminino de uma comunicação plural e dialógica com as múltiplas redes de cultura, nas quais se inscrevem os signos 'homem e mulher". (Richard, 2002, p. 132)

Com isso, nos mostra a autora que a escrita naturalizada masculina (universal), operada à força arbitrária, tornou-se a representação do gênero humano, e que, por sua vez, também deve ser combatida tendo em vista tudo que ela carrega de mais reacionário, violento e opressivo. A autora sinaliza que "ser mulher" não garante a prática crítica de uma feminilidade, que questiona a masculinidade hegemônica, inclusive "ser homem" não condena o sujeito a ser seguidor das "codificações de poder da cultura oficial" (idem, p. 135).

Segundo Soledade Bianchi, citada por Richard: "É necessário romper o gueto do sexo, pois se trata de situá-los (os textos de mulheres) junto aos outros, produzidos por homens e mulheres contemporâneos, considerando semelhanças e diferenças, reconhecendo conquistas e aportes, mas também limitações." (BIANCHI *apud* RICHARDS, idem, p. 135)

Essa crítica evidencia que é preciso reconhecer também os limites dos textos das mulheres, para evitar certas armadilhas do signo e manutenção do discurso oficial de unificação do texto, através de certos reducionismos e determinismos. Assim, a crítica é obrigada a pensar o "feminino em tensão com o marco da intertextualidade cultural e não como uma dimensão a ser isolada". Acrescenta ainda a autora que:

[...] As mulheres não podem se dar ao luxo de não participar ativamente dessas batalhas [múltiplas batalhas de código], mesmo que as regras do combate estejam prefixadas a partir do masculino, já que em toda cultura há entrelinhas rebeldes, por onde filtrar e disseminar os significados antipatriarcais. É vital resgatar, a favor do feminino, todas aquelas vozes descanonizantes (incluindo as masculinas) que liberam leituras heterodoxas, capazes de subverter e pluralizar o cânone. Esses pactos, cúmplices entre distintas posições de discursos marcados pela subalternidade cultural, ampliam o poder do feminino, naquilo que Jean Franco chamou de "a luta pelo poder do interpretativo". (idem, p. 157)

Nos mostra Richard que não se trata de saber a particularidade da escrita da mulher, mas "como textualizar as marcas do feminino, para que a diferença genérico-sexual se torne ativo princípio de identificação simbólico cultural" (idem, p. 137). Assim, ela evidencia as conquistas da crítica feminista em relação ao caráter semiótico-discursivo da realidade e demonstra que a identidade e gênero sexuais são produzidos pelo discurso patriarcal.

Portanto, "não podemos continuar falando de uma identidade, masculina ou feminina, como se estes termos designassem algo fixo e invariável, e não constelações flutuantes" (idem, 138). Desse

modo, trata-se de por em questão os essencialismos, repensar a identidade sexual como uma dinâmica tensional e buscar romper, desconstruir os resquícios ideológicos dos discursos autoritários, patriarcais que subjugam a mulher.

É importante ressaltar que a escrita da mulher textualizará as marcas do feminino, tais marcas aparecem no “corpo vivo”, inventivo, escrito pelo sujeito feminino. O modo como se constrói a narrativa pode revelar os dispositivos que lhe impedem de ter acesso a outras possibilidades de luta com e contra o signo. A ausência do direito à educação, o discurso paterno, a escrita oficial, a literariedade, a dificuldade para publicar, a não circulação dos seus textos, dentre tantas interdições revelam que os dispositivos ainda continuam impondo limitações a "batalha" com e contra o código.

Com base em Agamben (2009, p. 40), ampliando a noção de dispositivos de Michael Foucault, os dispositivos podem ser "qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interpretar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos". Portanto, a vida humana pode estar sendo capturada por qualquer coisa: a literatura, as redes sociais, a caneta, o computador, celular etc. Então, como desarmar esses dispositivos que controlam o nosso modo de dizer e ler o mundo e nossas experiências?

Durante o 2º Fórum de Crítica Cultural e II Seminário Sobre Modos de Violência Contra Mulheres e de Lutas a Favor dos Direitos Humanos em novembro de 2010, na UNEB campus II, tivemos o nosso primeiro contato com as escritoras de Alagoíhas, Alealda Portugal Miranda, Marina Oliveira, Margarida Maria de Souza, Luzia das Virgens Senna, Noêmia Alves, Valdelice Lima, na oca Carolina de Jesus. De modo que nos possibilitou colher depoimentos das trajetórias dessas mulheres que escolheram, por diversas circunstâncias, Alagoíhas para morar e que tiveram os seus destinos cruzados.

Neste encontro a todo instante as histórias pareciam se tocar, falavam-se dos impedimentos, das dificuldades em se tornar escritoras, da falta de apoio da falta de valorização da arte e suas produções, mas também de luta, de resistência, do jogo da subversão.

Cada depoimento corre ao encontro de tantos outros depoimentos. A dificuldade do acesso ao texto escrito parece ser uma realidade de todas essas mulheres, assim quando estas tomam posse da expressão escrita os seus textos passam pelo engavetamento, quando não queimados por maridos, irmãos e por elas mesmas. Porém as escritoras conservam o sonho de que suas obras saiam do papel, que alguém, um dia, dê o seu devido valor.

Essas escritoras também nos falam da resistência da escrita feminina que se esbarra em vários empecilhos que tanto exclui a mulher do campo da produção. As escritoras ressaltam que não

escrevem com o intuito de ganhar dinheiro, pois sobrevivem dos salários, escrevem para apresentar o que elas entendem como a “cultura da sua terra”. Neste caminhar difícil existem pessoas que contribuem com apoio para publicação, e divulgação das suas obras, professores da universidade, família, instituição literária local.

O direito ao acesso a educação escolarizada era um entrave em suas vidas, ainda que tenham nuances que as diferencie. As escritoras precisaram migrar de seu lugar para ter o direito de estudar, a escritoras aprendem a escrever à revelia de um discurso patriarcal que inferiorizava a mulher e lhe impedia de escrever e, hoje ainda, de publicar. Essas mulheres deixam visível o quanto a sua relação com a escrita foi podada, deixando aflorar em suas narrativas marcas de dor e sofrimento, momentos em que o ato de escrever se torna uma forma de aliviar as angústias e cicatrizes da vida.

Sendo assim, precisamos refletir sobre as relações de poder que perpassam os discursos, as condições de vida das escritoras, a “vivência do gênero feminino”, as interdições dos seus desejos de estudar, ler, escrever dentre tantas outras interdições que eram/são submetidas.

Estas marcas culturais não devem ser esquecidas, nos impulsionando a pensar hoje, os meios utilizados para engendrar\produzir novas alternativas desse quadro que, em matrizes diferentes, ainda se presentifica. Esclareço que as escritoras das quais estou falando, são mulheres com idades entre 55 a 80 anos, todas as escritoras são associadas da Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) e duas destas são membros da Academia de Letras e Arte de Alagoinhas (ALADA), moram em Alagoinhas, mas nasceram em outras cidades da Bahia como: Catu-Ba, Serrinha-Ba, Queimadas-Ba, Salvador, Caraíba. São filhas de lavrador, contador de história, vaqueiro, petroleiro com donas de casa. São professoras aposentadas, freira, artista plástica, radialista e jornalista. Estas mulheres escrevem poemas, contos, romances, crônicas, autobiografia, cordéis, peças teatrais e letras de músicas.

É preciso se investir mais contra a subalternização dessas escritoras, contra a falta de um investimento mais institucional. É preciso se pensar em atividades/ações conjuntas. É preciso pensar em alternativas de (de)formação da escrita, enquanto arma de combate socio-cultural. O que seria essa (de)formação? Ações como o curso “*Escrevivendo*”, que realizamos na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, para escritoras locais, que buscou realizar leituras desviantes, descolonizadoras, das escritoras memorialísticas Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus e que foi proposto no sentido de criar encontros, fortalecer o debate, ambientes de leituras desviantes que mexam com as subjetividades das escritoras locais, refletindo sobre novos modos de olhar as experiências e operar com a escrita do texto.

Assim, criamos dispositivos contra a dominação do discurso patriarcal, do essencialismo da escrita e operamos leituras críticas e reflexivas por outra política à favor da vida. Nesse sentido, os textos memorialísticos das escritoras provocam um processo de autocrítica que revela tanto o conhecimento das “marcas de um corpo”, como parte de uma realidade coletiva, quanto às possibilidades de tomadas de outras posições.

A “escrita de si” dos escritores contemporâneos mostra o quanto é carregada de sentidos e fala de uma coletividade. A “escrita de si” feminina é repleta de singularizações, pois traz a marca da “diferença cultural”, a forma de viver dos corpos femininos que, em geral, não são narrados por outros sujeitos, traduzindo-se em uma arma política que tensiona as questões de gênero.

METODOLOGIAS: CAMINHOS A SEGUIR

Essa pesquisa é de natureza qualitativa e pauta-se em estudos de gênero e da crítica feminista e cultural. Buscou o cruzamento de métodos para melhor desenvolvimento do trabalho, assim, trabalhamos na perspectiva da pesquisa-ação e do método (auto)biográfico, para a técnica de coleta e análise de dados, nos inspirando no projeto desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006) com o uso de ateliês autobiográficos. Nestes, portanto, que criamos com o curso Escrivivências, colhemos os escritos autobiográficos produzidos pelas escritoras de Alagoinhas, assim como fizemos as entrevistas narrativas.

A pesquisa-ação surge nesta pesquisa, com as escritoras de Alagoinhas, como uma tentativa de desativar dispositivos que, de alguma maneira, aprisionam essas mulheres escritoras. Na trajetória da pesquisa fica clara a importância da mediação, de ações desenvolvidas pela Universidade e, nesse sentido, a demanda pelo fortalecimento desta cooperação é fundamental. Também ficou claro a importância de se estudar, considerar os escritos femininos como expressão de uma cultura feminina que entrelaça literatura, vida e resistência, ou seja, a crença de que a literatura é potência.

Por entendermos deste modo, que nos apoiamos no método (auto)biográfico que caminha em duas direções: como ‘instrumento de investigação’ e ‘instrumento de formação’. Assim, compreendemos que “o método biográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõem.” (FINGER e NÓVOA, 2011, p. 23).

Maria da Conceição Passeggi (2010, p. 28) relembra que é na Alemanha que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais emerge, contrapondo os modelos positivistas,

porém coube aos sociólogos americanos da Escola de Chicago empregá-lo com uma configuração mais sistemática desenvolvendo estudos sobre “migrantes e a marginalidade”

Neste mesmo contexto de renovação do método (auto)biográfico, que os estudos literários por meio da abordagem dos estudos da cultura passaram a relacionar a sua investigação com o sócio-político-cultural. Ultrapassando as fronteiras disciplinares, os estudiosos ampliaram seus pontos de interesse e modos de operar com o texto literário e não literário, explorando a relação da literatura com a cultura, desvelando o “espaço autobiográfico” como vetor crítico e de tensionamentos discursivos, por meio do diálogo interdisciplinar com a filosofia, psicologia, história, sociologia, dentre outras áreas do conhecimento.

Por tanto, nesta abordagem metodológica, é possível contextualizar o lugar de fala de cada um desses sujeitos que narram as suas histórias de vidas. Assim, iremos estudar cenas literárias das escritoras e relatos autobiográficos, cenas de escritas de si construídas pela via da memória, na perspectiva de gênero, através da abordagem da crítica literária e cultural, que certamente considera a crítica biográfica contemporânea, uma vez que o “espaço biográfico” transforma-se em um “vetor analítico crítico da sociedade”, que requer diferentes olhares disciplinares e político (ARFUCH, 2012, p. 07).

É neste espaço biográfico que os sujeitos se formam a partir da apropriação do seu percurso de vida. A ‘história de vida’ construída pelo viés da narrativa é entendida como uma “ficção verdadeira do sujeito” (DELORY, 2006, p. 98), pois ao enunciá-la toma como verdade e se constrói como sujeito.

Assim, para Delory (2006, p. 99) as histórias de vida formam para a “formabilidade”, “para a capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua ‘história’, considerada como processo de formação”.

Esse processo de formação enlaça as três perspectivas da temporalidade, quando trabalhado na dimensão dos ateliês autobiográficos, onde a história de vida adquire uma prospecção, o que leva o sujeito a projetar-se percebendo como outro futuro é possível.

Os ateliês autobiográficos, desenvolvidos nesta pesquisa, tem ampla inspiração neste trabalho desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006). Nos ateliês com as escritoras de Alagoínas optamos por, a cada encontro, produzir uma escrita autobiográfica, a partir do contato com os textos ficcionais e autobiográficos de outras escritoras subalternizadas, como: Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Nos Ateliês trabalhamos com a leitura de trecho do livro *Quarto*

de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, com os poemas *Eu-mulher*, e *Vozes-mulheres* e o conto *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

Os Ateliês autobiográficos fazem parte de um projeto maior, que tem como coordenadora a Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Tal projeto trata-se de um curso de extensão intitulado *Literatura em movimentos de mulheres*, que trabalha com literaturas de autoria feminina. É um curso oferecido gratuitamente, que tem como público alvo as mulheres que participam de Movimentos socioculturais e que é realizado na Universidade do Estado da Bahia-UNEB / Campus II. O módulo que fiquei responsável intitulei de *Escrevivendo*, o qual foi destinado especificamente a escritoras de Alagoinhas e região.

Sendo assim, o curso *Escrevivendo/Ateliês autobiográficos* teve como objetivos a disseminação da literatura feminina/feminista de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, aproximando-as das mulheres escritoras de Alagoinhas e região e observando, neste encontro entre textualidades femininas, o papel dessas escritoras locais na sua própria formação, a partir do momento que estas se apropriam da sua trajetória de vida em uma abordagem biográfica; Propiciar o intercâmbio entre a academia e as escritoras de Alagoinhas e região e a suplementação de leituras da literatura feminina/feminista, pela via do olhar e da vivência destas mulheres escritoras; Contribuir para a luta político-cultural-subjetiva das mulheres, de seus movimentos, contra um capital patriarcal que nega/apaga/recalca, dos sujeitos femininos de direitos, sua fala, literatura, escrita-reescrita, leitura-releitura das ficções sociais. Sendo assim, considerar o processo e os resultados do curso como objeto da pesquisa que desenvolvo, intitulada *Autobiografia de escritoras de Alagoinhas: Processos de (auto)formação e (re)significação*.

Foi nesta perspectiva, da narrativa de vida como uma dimensão autoformadora, que procuramos trabalhar nos ateliês, pois entendemos que o sujeito é capaz de se formar a partir da apropriação do seu percurso, da sua história de vida, uma vez que o que foi vivido, ao ser narrado, torna-se experiência que vai nos ajudar a saber fazer, a tornar-se.

Nesse sentido, a autobiografia das escritoras torna-se um processo de autocrítica que revela tanto o conhecimento das “marcas de um corpo”, como parte de uma realidade coletiva, tematizadas por vezes em seus poemas, contos, cordéis, entre outros gêneros, quanto às possibilidades de tomadas de outras posições.

A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E LUTA

Ao colocarmos em diálogos, nos ateliês autobiográficos, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e as escritoras de Alagoinhas, fizemos com a intensão de fortalecer essas mulheres que ousaram escrever, que fizeram da palavra um instrumento de resistência e luta, que não aceitaram o destino predestinado as mulheres. Assim, ao mesmo tempo em que nos enriquecemos no contato com estas escritoras Evaristo e Carolina de Jesus, lhes enriquecemos também ao por em circulação as suas histórias de vida e luta e suas obras literárias, fazendo com que aos seus textos-vida sejam conhecidos, lidos e estudados.

Mulheres como a Conceição Evaristo e Carolina de Jesus nos faz lembrar como é preciso ter um posicionamento político diante da vida. E precisamos refletir sobre o uso que fazemos da nossa escrita, seja ela literária ou acadêmica e como usamos o espaço acadêmico/institucional ao nosso favor e a favor de tantas outras mulheres que aqui não entraram. Ao adentrarmos neste espaço não podemos nos eximir da luta. E lutar é ocupar espaço.

A postura de escritoras como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo nos fortalece ao ver como estas ousaram e conseguiram romper, em uma certa medida, com dispositivos que lhes aprisionavam, que negavam a sua voz como escritoras, mulheres que nos servem como referência e nos mostram como podemos ousar, falar, nos posicionar e que precisamos sempre lutar por uma vida mais digna. Histórias de vida que nos servem para refletirmos sobre a nossa própria história. Vejamos o que as escritoras de Alagoinhas nos dizem sobre esse encontro.

Luzia Senna diz:

A gente vai aprendendo vendo como era a vida delas as dificuldades, o sofrimento, mas nunca esmoreceram, pra dizer chega de sofrer, vou ficar por aqui mesmo. É como uma estrada vai andando, passando por coisas, por obstáculos, espinhos, mas, vai seguindo e assim vamos seguindo elas também. Pelas estradas que a gente vai passando querendo alcançar um objetivo, qual é esse objetivo, escrever com mais consciência, escrever para agradar mais ao público, escrever para fazer um trabalho digno para quem ler se sentir bem se surpreender e se sentir feliz por ter lido aquele livro, eu estou aprendendo muito espero aprender mais.

Margarida Maria de Souza complementa:

Nelas a gente vê uma história de luta, como eu estava dizendo a Conceição é muito profunda eu me sinto a quem de acompanhar o pensamento, raciocínio dela, eu acho eu sou pequena para acompanhar o raciocínio dela. Então eu não vou dizer que não, eu devo me acomodar porque ela estar além, não, eu tenho que buscar ler mais, eu tenho que ler mais e eu não estou lendo. Então, a gente que quer escrever tem que ler, tem que acompanhar o desenvolvimento delas. Eu me sinto mais próxima à escrita de Carolina, porque Carolina eu acho assim, eu peguei muitas frases delas que eu admirei, pensamento dela, eu admirei o pensamento dela e essa menina [Conceição] ela é mais assim, muito subterfugio, muito subterfugio o pensamento dela e eu ainda não estou na condição de analisar, eu

não tenho, eu não vou dizer que eu tenho porque eu não tenho. Eu acho assim muito profundo, assim como ela deve ter outras e outros então para que eu aprenda um pouquinho é necessário que eu tenha que ler escritores e escritoras.

Aqui nestes excertos podemos perceber a importância deste contato, de encontros com estas escritoras para leitura e reflexão das estratégias textuais utilizadas pelas escritoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, da interpretação de textos autoreflexivos-autobiográficos desencadeados por estes encontros e inter-relacioná-los com outros escritos, com a escrita literária. É como se as histórias dessas mulheres, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus, narradas nos seus textos literários, convidassem as escritoras de Alagoíhas para acompanhá-las. É importante salientar que esses encontros mexeram com a subjetividade dessas mulheres, a partir do momento que elas se percebem de uma outra maneira, como novas possibilidades, se reinventando nesse contexto.

As escritoras de Alagoíhas, em um contexto de relação com outros textos, de autoria feminina, através de narrativas-relatos autobiográficos, enquanto construto da (auto)formação dos sujeitos femininos, inventam táticas para a (re)significação de suas histórias de vida. Margarida M. Souza (2014) nos diz: “com isso a gente se encoraja de tanto você ler, você se encoraja a fazer mais e acreditar que você pode. O importante é isso, é você acreditar que você pode. Ela fez, aquela outra vez, aquela outra vez, porque eu não. Não é isso? “

E o empoderamento surge desse processo de fortalecimento dessas mulheres. Mulheres que exigem a autoria das suas histórias de vida e luta. Para as autoras Maria Elisabeth Kleba e Agueda Wendausen (2009, p. 735) o conceito de empoderamento tem duas vertentes no Brasil e que vem sendo trabalhado:

um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial

Assim as autoras se posicionam a favor dos autores quem vem trabalhando o conceito de empoderamento, em que os sujeitos eles empoderam a si mesmo, não sendo algo que o outro possa fornecer ou realizar pelos sujeitos. E nos esclarece que:

Profissionais ou agentes externos podem catalizar ações ou auxiliar na criação de espaços que favoreçam e sustentem processos de empoderamento, os quais refletem situações de ruptura e de mudança do curso de vida. Através desse processo, pessoas renunciam ao estado de tutela, de dependência, de impotência, e transformam-se em sujeitos ativos, que lutam para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, tomando a direção da vida nas próprias mãos. (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 735)

Assim, a nossa atuação caminha nessa direção de criação desse espaço para debatermos, espaço de fortalecimento em que este processo de empoderamento dessas escritoras se sustentem e mexam com as subjetividades destas mulheres. Para que estas possam refletir sobre novos modos de olhar as experiências, assim como, operar com a escrita do seu texto.

Assim, percebemos a necessidade de termos mais encontros como estes, embora os resultados possam parecer pequenos, são de singular importância para essas mulheres. Percebemos esta importância mais uma vez na fala de Margarida Souza (2014) É porque, mesmo esse [curso], abre um horizonte maior, quer dizer, eu agora tenho consciência, consciência pelo menos de necessidade de leitura, a necessidade de ler mais de conhecer mais e sem o curso talvez a gente ficasse naquela acomodação. Uma das funções da universidade talvez seja esta mesmo, desacomodar, inquietar as pessoas, mas também de ouvir, de respeitar as vozes desses sujeitos e fazer com que estas vozes sejam, também, respeitadas pelos outros.

Podemos perceber que, o que aproxima essas mulheres, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Margarida Souza e Luzia Senna, são suas histórias de luta. As mulheres carregam esta marca de luta, mulheres que se esbarram em uma não possibilidade, mas, que estas dizem, mesmo assim, tenho que fazer e faz vibrar a potência que existe em cada uma. Senna, por exemplo, vai se alfabetizar escondida dos olhos de todos; e aprender a ler e a escrever sozinha é no mínimo um ato de ousadia para uma mulher que mais tarde encheria de palavras o silêncio ao qual foi conduzida. Assim, a nossa intenção foi fazer com que as escritoras de Alagoinhas tomassem maior conhecimento das escritoras Evaristo e Carolina de Jesus, mas, que, ao mesmo tempo, a partir das leituras dos textos delas, refletissem sobre as suas próprias histórias de vida, tomando a direção destas em suas mãos.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Novas experiências nos limites. In: MARTINS, Anderson Bastos; SOUZA, Eneida Maria; TOLENTINO, Eliana da Conceição (Org.) *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BUENO, Belmira Oliveira. *O método auto-biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi.- Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.23-43.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003. P. 38-86

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, Marcas de poder. In: *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teorias queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 75-90.

PERÉZ, Carmen Lúcia Vidal. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GEPEMC. Memória e cotidiano. In. SOUZA, Elizeu Clementino; 94 ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. (Org.). Prefácio, Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P.177-187.

RICHARD, Nelly. A escrita tem sexo? In: *Intervenções crítica: Arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002, P. 127-141.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul/dez de 1990.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In. SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. (Orgs.). JOSO, Marie-Christine, Prefácio. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P. 135-147.

KLINGER, Diana. *Escrita de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KLEBA, Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. *Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29498> Acesso em: 25 de jul de 2014.

